Despertar toda manhã

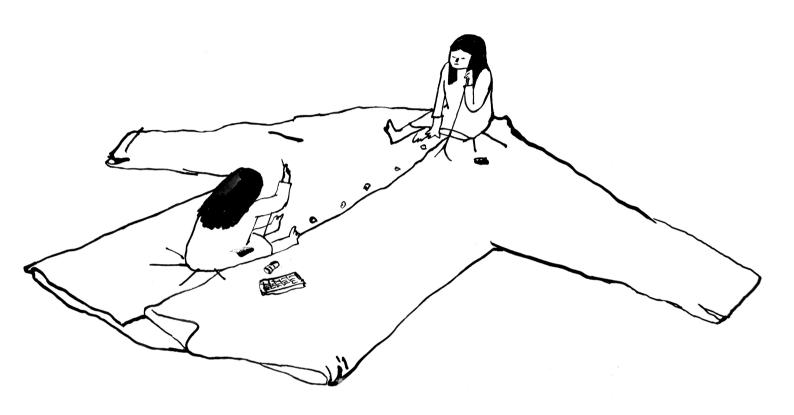
As irmãs batiam à porta do quarto para despertá-lo e nem o aguardavam responder. Cumprindo as orientações maternas, invadiam o sossego noturno, jogavam-se em cima de Ugo Battista, embaraçando seus sonhos, seus bocejos e seu acordar tranquilo. Elas viviam o auge da primeira infância. Expulsavam-no da cama abrindo as janelas. "Hora de aprontar-se pro café!" — cujo aroma se espalhava pelos cômodos da casa. "É uma ordem!", declaravam. Nem o pai nem os irmãos escapariam. Quando batesse o primeiro raio de sol, a mesa estaria sendo posta e todos precisariam se posicionar ao redor dela.

Havia amêndoas e uvas passas – nos dias bons –, frutas em conserva e compota de morango. Omelete de amoras e *madeleines* no cesto dos pãezinhos; leite, chá preto e broas de milho em época de fartura. Um modesto festival de embutidos rústicos. Ugo Battista escolhia suco de limão, sua bebida favorita. Caterina e Maddalena encarregavam-se do preparo: buscavam as frutas no pomar – supervisionadas pela mãe –, cortavam e espremiam os limões, coavam as sementes com cuidado e misturavam o sumo na jarra de água fria.

Prestes a completar quatorze anos, Ugo Battista pesava cento e cinquenta quilos. Os sapatos mediam quarenta e um centímetros. A mão, trinta e dois. A cozinha mal o comportava. As irmãs o celebravam, carinhosas. Falavam sobre as roupas que iriam costurar para presenteá-lo: casacos estreitos e compridos, calças de gabardine, camisas de seda e de linho. Achavam graça de alguém tão incomum. "Quanto tecido precisaríamos!", caçoavam. Perto dele, lembravam bonecas de porcelana: tinham o rosto esculpido, os olhos piscantes e arregalados. Para Ugo, num certo sentido, elas o tranquilizavam. As irmãs o faziam aceitar seu próprio corpo sem receios. Sentia-se tão à vontade que lhes confiava os sonhos que tivera à noite.

Mas um antigo ditado popular alertava para os riscos dessa prática, os perigos nela implícitos. Principalmente em jejum. Um homem recém-desperto – diziam os antepassados – estaria ainda preso ao feitiço do sono. Apenas a

superfície do corpo e suas funções motoras mais visíveis restituiriam-se à vigília de imediato. Nas camadas mais profundas o torpor onírico persistiria. Relatar os sonhos ainda em jejum equivalia a falar sonhando.



Homem Elefante

No primeiro ano de atuação, Ugo Battista conheceu John Merrick, o Homem Elefante. Encontraram-se na Bélgica. O primeiro, um jovem iniciante que apostava na carreira, um calouro imberbe animado com a chance de ganhar algum trocado; o segundo, uma aberração morfológica, um desafio à ciência médica, um bom homem aprisionado num corpo inóspito. Merrick era conhecido em toda a Europa. Ouvia-se falar dele em toda parte, nas colônias africanas, no Oriente e nas Américas. Havia sido acolhido como interno permanente no Royal London

Hospital. Os boatos, contudo, diziam que fora retirado à força, numa artimanha de seu empresário para fazê-lo voltar às feiras de atrações.

- John Merrick? Ugo se aproximou, após rondar os camarins numa tarde de folga.
 - Joseph, por favor.
 - Joseph?
 - Sim. Joseph.

E não era fácil compreendê-lo, com a voz abafada escoando pelo canto esquerdo da boca. Era como se grunhisse o tempo todo, sufocado pela bronquite crônica, os problemas de pele, as deformidades ósseas, o tórax enrijecido e os músculos da face impossíveis de movimentar. Embora atencioso e delicado, jamais encarava alguém de frente. Disse que se chamava Joseph, Joseph Merrick – e não John, como todos acreditavam. Esclareceu que um erro involuntário, anos atrás, motivara o codinome pouco criativo.

Conversaram como velhos conhecidos. Compartilharam a vontade de fugir dali, regressar para Londres, Viena ou Paris. Falaram sobre as condições de trabalho naquela pequena vila belga. Merrick lamentou os abusos da audiência. "São uns paspalhos! Vêm aqui para me ofender". Reforçou a queixa anterior. Mencionou também a saúde debilitada. Ugo Battista dispôs-se a colaborar, vagamente solidário.

A certa altura, o Homem Elefante levou a mão ao bolso do paletó. Retirou uma fotografía e passou a observá-la. Quase acariciou os grãos da imagem no papel. Exibiu-a.

− É a foto de minha mãe. Ela não tem o rosto de um anjo?

Ugo Battista sacudiu a cabeça em sinal de aprovação. Despediu-se e saiu.

